

O ENSINO DE HISTÓRIA TENDO COMO METODOLOGIA O CINEMA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM¹

SILVA, Angel amaria Rocha
GUIMARÃES, Diocilene Lopes²
LIMA, Douglas Mota Xavier de³

RESUMO

O emprego do cinema nas aulas de história é uma metodologia conhecida e consolidada nas escolas em todos os níveis. No entanto, não está livre de dificuldades e nem de dúvidas tanto dos professores quanto dos alunos. A primeira dificuldade enfrentada é o desconhecimento sobre o cinema e a dúvida recai em como ele pode contribuir no ensino do conteúdo histórico. O presente trabalho tem como finalidade demonstrar o ensino de história tendo como metodologia o cinema para o ensino e aprendizagem dos alunos. O Cinema é uma das alternativas de metodologia utilizada pelos professores, porém de modo errôneo, não sendo utilizado um contexto histórico e sim sendo repassado de modo aleatório, na sala de aula. As mídias quando bem planejadas são excelentes ferramentas para o ensino e aprendizagem dos alunos, o cinema possui no seu contexto histórico a história, os fatos históricos e as fontes deixadas pelos antepassados. O trabalho tem como cunho de pesquisa bibliográfica, em diferentes sites, revistas, artigos científicos, sendo de suma importância a literatura e a produção textual sobre esse assunto para nós futuros operadores da história nas salas de aula, e o próprio parâmetros curriculares nacionais de história dá todo amparo para que o professor utilize esses recursos em seus planos de curso para ministração de suas aulas.

PALAVRAS CHAVE: Ensino de História, Cinema, Metodologia.

ABSTRACT

The use of cinema in history classes is a well-known and consolidated methodology in schools at all levels. However, it is not free of difficulties and doubts from both teachers and students. The first difficulty faced is the lack of knowledge about the cinema and the question is how it can contribute to the teaching of historical content. The present work has as purpose to demonstrate the teaching of history having as methodology the cinema for the teaching and learning of the students. Cinema is one of the alternatives of methodology used by teachers, but in an erroneous way, not using a historical context, but rather being randomly passed on in the classroom. The media, when well planned, are excellent tools for students' teaching and learning, cinema has in its historical context the history, the historical facts and the sources left by the ancestors. The work has as a bibliographical search, in different sites, magazines,

¹ Trabalho apresentado à Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) como requisito para obtenção do título de licenciatura integrada em História e Geografia, com ênfase em História. Santarém, dezembro de 2017. Orientação neste trabalho de: Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima (UFOPA).

² Graduanda do curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia da UFOPA-PARFOR. e-mail: angellarocha2015@gmail.com.

Graduanda do curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia da UFOPA-PARFOR. e-mail: lopesstm@hotmail.com. Graduandas em História pela UFOPA-PARFOR.

³ Orientador Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima (UFOPA).

scientific articles, being of great importance the literature and the textual production on this subject for us future operators of the history in the classrooms, and the own national curricular parameters of history gives all support for the teacher to use these resources in his course plans for the administration of his classes.

KEY WORDS: Teaching History, Cinema, Methodology.

INTRODUÇÃO

O cinema é considerado arte, entretenimento, documento, manifesto de seu tempo, simples lazer e para muitos é objeto de estudo. Estudo no sentido de compreender períodos e conjunturas, mas também de ensinar, apreender informação, conteúdo de aula, sobretudo de aula de história. Segundo Flávia Cesarino Costa (História Do Cinema Mundial, p. 17) “no começo do século XX o cinema inaugurou uma era de predominância das imagens”. Apesar de não possuir ainda neste período um código próprio de apresentação visual, pois se confundia com shows de lanternas mágicas, muito usuais na época, fotografias e até com imagens de cartões postais somadas a linguagem teatral que o seguiu por muitos anos.

Desde as primeiras décadas do século XX, o cinema passou a ser uma das formas culturais mais significativas. Surgindo como modalidade moderna de lazer, conquistou adeptos, provocando novas práticas urbanas. Em pouco tempo, o cinema transformou-se numa importante instância formativa, na qual representações de gêneros, sexuais, étnicas e de classe eram reiteradas, legitimadas ou marginalizadas (LOURO, 2000).

De acordo com os estudos realizados por Cláudio Fernandes (2015), a origem do cinema está:

O cinema, portanto, teve origem no cinetoscópio, que, todavia, não projetava as imagens em telões. O espectador do cinetoscópio tinha de observar (durante um tempo-limite de 15 minutos) as imagens no interior de uma câmara escura por meio de um orifício em que colocava um dos olhos. Nesse sentido, a experiência visual proporcionada pelo cinetoscópio não podia ser feita coletivamente. Edison não chegou a patentear o invento, o que abriu portas para outros inventores, sobretudo da Europa, aperfeiçoarem o modelo (FERNANDES, 2015, s/p).

Associada à invenção do cinematógrafo, no século XIX, um aparelho capaz de capturar “imagens-movimento”. Um dos fenômenos tecnológicos mais impressionantes de nossa história é a capacidade de captação (ou captura) da “imagem-movimento”, isto é, da apreensão de imagens dinâmicas a realidade, e não estáticas, como é o caso da fotografia. Sobre o período, o autor demonstra que:

O século XX pode ser caracterizado como o “século da imagem”, especialmente pelo protagonismo e a crescente importância que as imagens adquiriram na vida cotidiana, e constata-se que nesse início do novo século o campo do Audiovisual atravessa diretamente os debates sobre cidadania e educação, pois as escolas começaram a comprar como recursos tecnológicos televisão, dvds, datashow, entre outros para facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos na sala de aula.

Conforme os apontamentos de Angel Luís Huesto Montón, o campo é marcado por dois aspectos significativos, a extensão e a profundidade. A extensão remete aos âmbitos geográficos e sociais, expressa no fato das manifestações audiovisuais envolverem locais e grupos sociais de todo tipo, permitindo que um mesmo filme, por exemplo, seja acessado por pessoas de ambientes, culturas e gerações das mais distintas, assim expandindo o conhecimento e as formas diferentes de aprender e de transmitir informações.

A profundidade, como consequência, resulta na presença das imagens em todos os momentos da vida do potencial espectador. Ainda segundo o autor, torna-se necessário na atualidade um conhecimento, mesmo que rudimentar, que ensine a ler as imagens. A sociedade atual permanece dando atenção especial ao texto e, por vezes, mantendo um ensino concentrado na palavra escrita, ao passo que o conhecimento das imagens continua em segundo plano e distante do ambiente escolar (HUESTO MONTÓN, 2009, p.32-33).

No mesmo quadro de problemáticas, Maria da Graça Setton enfatiza que a linguagem midiática (som, imagem, narrativas, gêneros ficcionais, etc.) transmite um conjunto de saberes carregado de sentidos e juízos de valor, os quais servem como importantes agentes socializadores, ora servindo como fonte de informação e referências de comportamentos, ora cumprindo papel de instrumento ideológico, constatando que a mídia oferece um amplo espectro de discussão (SETTON, 2004).

Por esses elementos, o filme não pode ser tratado apenas como motivação para temas e problemas, ou como técnica. Como demonstra Setton, a experiência propriamente artística implica, na formação do espectador, a posse de informações, de linguagens e de referências culturais. Sendo o cinema um gênero híbrido, estruturalmente arte e indústria, a experiência de recepção também é diversa, propiciando uma mistura de imaginários da arte e do lazer (SETTON, 2004).

Deste modo, o cinema é um meio de comunicação de massa e entretenimento que influencia a maneira como o mundo é percebido e, por essas características, desde os primeiros passos da *sétima arte* a relação com o Ensino foi posta em discussão. Nesse período, educadores iniciaram a reflexão sobre o uso do cinema como recurso didático

baseados na ideia de repassar os fatos passados de maneira mais sucinta e objetiva possível. No caso brasileiro, Jonathas Serrano, professor do Colégio Pedro II, por exemplo, advogava em prol da aprendizagem pelos olhos já em 1912, defendendo a temática que foi amplamente investigada nos EUA na primeira metade do século e ainda alvo das propostas da Escola Nova no Brasil (BITTENCOURT, 2004; ABUD, 2003).

O passado sempre inspirou a literatura, o teatro, a pintura, a música, e com o cinema não foi diferente. É de suma importância trabalhar como cinema aulas de história, apesar de muitos filmes não foram produzidos para fins de sala de aula, mas que muitos professores utilizam essa proposta mais sistematizadora, onde incorporar o cinema em suas aulas e em projetos escolares, pois como se sabe é mais fácil um aluno memorizar imagens e áudios, do que as leituras que são feitas diariamente na sala de aula.

O professor deve se lembrar de sempre, que ele não está reproduzindo o filme para si mesmo, para o seu próprio deleite intelectual ou emocional. Portanto, é preciso refletir sobre o público alvo da atividade planejada, conhecendo seus limites e suas possibilidades gerais (faixa etária, etapa de aprendizagem), mas também mapeamento, ainda que intuitivamente, o repertório cultural mais amplo e a cultura visual/cinematográfica dos alunos.

Considera-se que o cinema agrega inúmeras possibilidades de construção de conhecimento na vida escolar do educando. O filme ou documentário utilizado como recurso em sala de aula leva o discente a construir um pensamento histórico de forma mais civilizado relacionada com a vida prática, e que se constrói dentro do objetivo do ensino em qualquer disciplina.

Este texto pretende trazer à discussão algumas questões relativas à utilização do cinema como um recurso didático para o ensino de História, visto que entre os meios de comunicação de massa, o cinema tem sido um dos que mais despertam o interesse dos professores. Partindo deste princípio, o objetivo que norteia esta pesquisa é realizar uma análise que junte o prazer de apreciar um bom filme com as possibilidades que essa arte abre para aprimorar o ensino-aprendizagem da disciplina de História.

Algumas indagações que nortearão o texto: como os filmes podem contribuir para o ensino de História? Como trabalhar um determinado contexto histórico através de vídeos? Qual o gênero de filmes mais utilizados? O trabalho será de cunho bibliográfico e pretende-se que seja de grande valia para outros professores e alunos que queiram dar continuidade nas pesquisas e nas metodologias de ensino.

2. A RELAÇÃO HISTÓRIA E CINEMA

A história possui uma relação muito estreita com o cinema, pois é através das fontes históricas e dos acontecimentos, que ocorrem que é feita a realização dos filmes, documentários, no cinema, diante disto maior parte dos filmes mesmo os de ficção infantil são baseados em relatos históricos que são passados de geração para geração.

De acordo com os estudos realizados por Cláudio Fernandes (2015), a origem do cinema está associada à invenção do cinematógrafo, no século XIX, um aparelho capaz de capturar “imagens-movimento”. Um dos fenômenos tecnológicos mais impressionantes de nossa história é a capacidade de captação (ou captura) da “imagem-movimento”, isto é, da apreensão de imagens dinâmicas da realidade, e não estáticas, como é o caso da fotografia. Sobre o período, o autor demonstra que:

O cinema, portanto, teve origem no cinetoscópio, que, todavia, não projetava as imagens em telões. O espectador do cinetoscópio tinha de observar (durante um tempo-limite de 15 minutos) as imagens no interior de uma câmara escura por meio de um orifício em que colocava um dos olhos. Nesse sentido, a experiência visual proporcionada pelo cinetoscópio não podia ser feita coletivamente. Edison não chegou a patentear o invento, o que abriu portas para outros inventores, sobretudo da Europa, aperfeiçoarem o modelo (FERNANDES, 2015, s/p).

O cinema quando iniciou era tudo muito rústico bem simples, não possuía os telões que temos hoje, e com o decorrer do tempo as tecnologias foram se aperfeiçoando e melhorando a qualidade cada vez mais, sendo hoje inclusive em várias dimensões sua visualização, podendo o espectador poder escolher como que assistir.

Selva Fonseca (2015) “Cinema é história, e o filme: imagem, documento, ficção, intriga, invenção, história” (p. 152), um conceito bem notório hoje para as pessoas principalmente para os alunos, quando se fala em cinema vem logo à mente à imagem, som e ação, pois a autora ainda reforça que o fim do século XIX e ao longo do XX, o cinema tornou-se arte, meio de expressão, de construção de sensibilidades, de comunicação, de entretenimento da sociedade. Distrai, fascina, inquieta, seduz, comove, inspira e provoca diversas sensações, como medo, alegrias e tristezas.

O cinema antes de tudo veio para alimentar nossa imaginação e sonhos, amplia o modo de ver, sentir e compreender as pessoas e o mundo. Com o avanço das novas tecnologias, desenvolveram-se de forma rápida e sofisticada, tornando-se uma poderosa indústria, capaz de mobilizar milhões de espectadores, consumidores culturais em diferentes

lugares do planeta. “Logo, o cinema detém um enorme poder de produção, difusão e introjeção de valores, ideias, padrões de comportamento e consumo, modos de leitura e compreensão do mundo” (FONSECA, 2015, p. 152).

A primeira exibição de filme feito por Auguste e Louis Lumière ocorreu em 22 de março de 1895, sendo intitulado *La Sortie de L'usine Lumière à Lyon* (A saída da Fábrica Lumière em Lyon) e registrava a saída dos funcionários do interior da empresa Lumière, na cidade de Lyon, na França. O cinematógrafo logo passou a registrar não apenas cenas do cotidiano, mas também cenas dramáticas, elaboradas com certo nível de teatralidade, como bem atesta o sociólogo Edgar Morin na obra *O Cinema, ou O homem imaginário*:

Mas, por sua própria natureza, e desde o seu aparecimento, o cinematógrafo era essencialmente espetáculo: ele exibia suas cenas a espectadores, para espectadores, e implicava assim a teatralidade que ele desenvolveria em seguida através da direção, da mise-en-scène. De resto, os primeiros filmes do cinetoscópio já apresentavam lutas de boxe, atrações de music-hall e pequenas cenas. O próprio cinematógrafo, desde seu primeiro dia, já mostrava o homem que regava as plantas sendo regado pela mangueira. A 'espetacularidade cênica' aparece assim ao mesmo tempo em que o cinematógrafo (MORIN, 2014, p. 69)

No Brasil, conforme colocado por Fonseca (2015), a ideia de colocar o cinema a serviço da educação e do ensino de História motivou elites e dirigentes educacionais, educadores, sobretudo os escolanovistas, além de historiadores ao longo do século XX. Ensaaios, obras didáticas, jornais, relatórios e revistas especializadas passaram a publicar comentários, análises, sugestões e propostas de trabalho didático mostrando as vantagens, bem como os riscos de utilização do cinema no ensino de História.

No período mais recente, com o desenvolvimento e crescimento das universidades e das pós-graduações, pesquisas e teses acadêmicas têm investido na questão, bem como sobre a própria historicidade do tema na educação brasileira.

Nos anos de 1910 e 1920, o cinema havia se desenvolvido com intensidade, conquistando o posto de principal meio de entretenimento em todos os países. Seu poder de divertir por meio das imagens havia chamado a atenção dos educadores, intelectuais e políticos. Eles perceberam que o cinema poderia auxiliar a educar a população para a vida cotidiana e política dos países. O analfabetismo era um problema enfrentado por todos naqueles tempos e o cinema se assinalava como um meio capaz de ajudar a levar conhecimento e informação aos que não sabiam ler (LERA, 2013, p.192).

Conforme Lera (2013), o emprego do cinema nas escolas não é propriamente uma novidade. O movimento pelo uso de um cinema de tipo educativo começou na Europa depois

da Primeira Guerra Mundial (na França, na Alemanha, na Itália e na União Soviética). Este movimento estimulou a criação de institutos de cinema educativos, que produziam filmes educativos, e a introdução da sétima arte nas escolas. A Itália foi o primeiro país capitalista a organizar um instituto de cinema educativo, em 1925, o Istituto Nazionale LUCE. O objetivo primeiro do LUCE era fazer filmes educativos destinados aos cinemas, escolas e centros de operários da Itália.

Dentre as diversas metodologias, a aproximação da disciplina de história usando o cinema como recurso metodológico tem ganhado destaque. Em consonância com Marc Ferro (1992, p. 13) “entre cinema e história, as interferências são múltiplas, por exemplo: na confluência entre História que se faz e a História compreendida como relação do nosso tempo, como explicação do dever das sociedades”.

2.1 AS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: O CASO DO CINEMA

Conforme Moram (2007) às mídias são utilizadas na educação através do recurso da televisão, o cinema e o vídeo, CD ou DVD, são os meios de comunicação audiovisuais que desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante no ensino e aprendizagem do aluno, as informações e assuntos que são repassados nos vídeos, nos mostra modelos de comportamento, e assim como ensina linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros, facilitando o ensino e aprendizagem dos alunos.

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes. As tecnologias permitem mostrar várias formas de captar e mostrar o mesmo objeto, representando-o sob ângulos e meios diferentes: pelos movimentos, cenários, sons, integrando o racional e o afetivo, o dedutivo e o indutivo, o espaço e o tempo, o concreto e o abstrato (MORAM, 2007, p. 4).

A chegada das tecnologias às escolas, em concomitância, às transformações sociais, reacende a necessidade de os gestores e professores estarem preparada para a utilização

integrada dos recursos midiáticos, mas, ao mesmo tempo, passa a ser um desafio a todos os atores envolvidos no processo educativo.

O atual avanço e a disseminação das tecnologias de informação e comunicação vêm criando novas formas de convivências, novos textos, novas leituras, novas escritas e, sobretudo, novas maneiras de interagir no espaço cibernético (PÓVOA *apud* SILVA, p.12)

O cinema pode ser um importante instrumento didático pedagógico, porém há uma série de cuidados a serem tomados, começando pela escolha do filme. Em sua maioria, os filmes históricos” não pretendem ou não conseguem ser realmente históricos, no sentido literal, tratando de um determinado período histórico.

A História vai ao Cinema, Como Usar o Cinema na Sala de Aula ajuda a consolidar a articulação entre o uso de filmes e o processo de ensino-aprendizagem.

O filme propicia por si só uma atração especial, é envolvente, mobiliza a atenção concentrada, envolve o espectador, mobiliza aspectos emocionais, explora a percepção, valores, julgamentos, paixão e compaixão, opiniões e até desejos. O filme como ferramenta didática é de uma extraordinária valia para se trabalhar com e em grupos (CASTILHO, 2003, p.08)

O autor Marcos Napolitano, historiador da USP, dedica-se ao estudo do uso do cinema, bem como da televisão em sala de aula. Em seu livro Como Usar o Cinema na sala de aula ele enfatiza problemas e possibilidades do uso do cinema como ferramenta de ensino. As possibilidades que Napolitano aponta são muitas, sendo que neste livro ele dedica-se a estudar de que maneira filmes comerciais podem ser apropriados pelo processo de ensino-aprendizagem.

Jesús Martín Barbero coloca que a simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto.

Conforme Fonseca (2008), um filme histórico é uma forma de representação do passado. E na sua linguagem procura criar elementos para que o espectador perceba essa

história como verdadeira. Esses elementos podem estar no próprio filme ou podem ser elementos extra filmicos.

A análise da restrita produção filmica aceita pelos educadores se relaciona única e exclusivamente ao conteúdo. O cinema seria um bom recurso, pois atrairia a atenção dos jovens mais que as aulas e exposições orais realizadas pelo professor em sua sala de aula. Não se trata ainda de encarar a linguagem imagética como um recurso com características próprias, nem de propor métodos de trabalho pedagógico com a exploração das imagens (ABUD, 2003, p.188).

Em geral, um dos elementos extra filmicos que contribuem com essa percepção e faz parte da elaboração do discurso do filme é a referência ao processo de pesquisa que não apenas constrói as legitimidades de um filme com temática histórica, mas também pode ser considerado como uma etapa criativa na sua elaboração.

No entanto, o filme é pouco utilizado para a formação, que só pode ocorrer quando a informação recebida se relaciona com um conjunto individual de esquemas e de estruturas mentais, que transforma a informação em conhecimento, em novos esquemas e novas estruturas que irão enriquecer o repertório cognitivo ou simbólico daquele que aprende (ABUD, 2003, p.200)

Abud (2003) coloca muito bem que os conceitos de imagem e cinema merecem estar em sala de aula porque sua leitura nunca é passiva devendo ter uma contextualização história, utilizando as mídias como elemento pós-textual na sala de aula. As imagens dos filmes, documentários, dos cinemas em gerais provocam uma atividade psíquica intensa feita de seleções, de relações entre elementos da mesma obra, mas também com outras imagens e com representações criadas e expressas por outras formas de linguagem.

Conforme Josep Lera (2013) o conhecimento da técnica, ou seja, da forma de fazer cinema, associado a uma metodologia de ensino, podem auxiliar os docentes no seu uso como recurso didático. Com isto, o cinema poderá ser explorado em todos os seus aspectos, indústria, entretenimento, e assim deixará de ser um veículo apenas de diversão para assumir o papel de instrumento educativo, que auxilia na construção do saber.

A intenção do ingresso dos recursos didáticos na escola é o de criar meios de o professor divulgar o conhecimento de forma ampla, despertando o interesse e a curiosidade. E nisto cinema pode contribuir, tornando-se um importante aliado dos professores. A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações.

Moram (2010) fala que é importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. O poder público pode propiciar o acesso de todos os alunos às tecnologias de comunicação como uma forma paliativa, mas necessária de oferecer melhores oportunidades aos pobres, e também para contrabalançar o poder dos grupos empresariais e neutralizar tentativas ou projetos autoritários.

2.2 CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA

O ensino de História passou por muitas transformações, sendo observada nas fontes históricas, desde a criação da disciplina História em 1837, até a construção das Diretrizes Curriculares para a Educação Pública sendo hoje já implantada no ensino do 1º ao 5º ano, sendo trabalhada de maneira conjunta nesta fase com a disciplina de geografia. As produções escolares eram pautadas pelo uso restrito dos documentos oficiais como fonte, os fatos tratados de forma linear e os heróis extremamente valorizados como construtores da História.

A chegada das tecnologias às escolas, em concomitância, às transformações sociais, reacende a necessidade de os gestores e professores estarem preparada para a utilização integrada dos recursos midiáticos, mas, ao mesmo tempo, passa a ser um desafio a todos os atores envolvidos no processo educativo.

E o filme ou fragmento de filme deve sempre ter em consideração o leque de possibilidades que dá ao professor para criar actividades relacionadas com o dito anteriormente. Para além disso, apresentar um filme requer que o professor evite material que fira susceptibilidades culturais quer do país quer da região de origem dos alunos, visto que existem temas que podem ser considerados impróprios ou ofensivos. Muito importante também é o nível de escolaridade do aluno, dado que quanto maior for o nível de escolaridade do mesmo mais recursos tem para aprender novas coisas e se a isso juntarmos o facto de estar habituado a ver filmes e gostar de os ver mais êxito terá na sua tarefa (ROMEO, 2011, p.23)

Através do cinema o aluno pode compreender e dar significado ao que vê e ao que ouve, para além de reconhecer os estereótipos da nova cultura, assim como o seu sistema de símbolos, crenças e pressupostos de maneira mais natural e efetiva daquelas que seriam dadas de forma descontextualizadas pelo professor.

Conforme Josep Lera (2013) o emprego do cinema nas escolas não é propriamente uma novidade deste século, sendo o movimento pelo uso de um cinema de tipo educativo começou na Europa depois da Primeira Guerra Mundial (na França, na Alemanha, na Itália e na União Soviética). Este movimento estimulou a criação de institutos de cinema educativos, que produziam filmes educativos, e a introdução da sétima arte nas escolas.

Pois um filme é uma obra coletiva, fruto de escolhas que estão relacionadas com a produção e também com a montagem final. Portanto, o cinema não é mais que uma representação da realidade, a qual o historiador deve revelar. Desta perspectiva, os filmes passaram a se configurar como fontes históricas, pois falavam menos do tema filmado e mais da sociedade que o produziu (LERA, 2013, p. 196).

A escolha do filme deve estar relacionada ao conteúdo estudado da grade curricular de ensino e após o filme questionar com os alunos o filme com o conteúdo passado, para tanto, o preparo do professor é fundamental, uma vez que o professor não precisa se tornar um crítico de cinema, mas as informações prévias do filme em questão são extremamente importantes, para que as atividades em sala de aula se tornem mais produtivas e interessantes.

O cinema vem sendo usado como recorrente ferramenta pedagógica, possibilitando a visualização de interpretações de eventos históricos na contemporaneidade. A partir desta perspectiva pode-se identificar nas correntes cinematográficas acima expostas características do período em que ocorreram, apresentando-se como importantes fontes históricas visuais.

As mudanças no fazer história refletiram na história como disciplina e contribuíram para introduzir nas escolas novos recursos pedagógicos capazes de auxiliar no processo de conhecimento histórico, como a pintura, os desenhos, a literatura e os quadrinhos. O ensino de história, por si só, também mudou e atualmente não se restringe apenas ao ensino do passado, mas procura fazer do conhecimento deste uma forma de compreensão do mundo.

O cinema pode auxiliar o professor de história a explicar os conceitos históricos. A compreensão dos conceitos é fundamental para o aprendizado de história, pois o saber histórico depende deles e o entendimento da história também. O clássico filme de Charles Chaplin “Tempos Modernos” (Modern Times, EUA, 1936) tem como personagem Carlitos, um homem que trabalha na linha de montagem de uma fábrica dos Estados Unidos, nos anos 30. O filme dá ao professor a possibilidade de trabalhar com o conceito de Fordismo, onde o operário trabalha na linha de produção de automóveis participando apenas de uma parte da montagem (LERA, 2013, p. 202)

Conforme Kátia Maria Abud (2003), a História, como disciplina escolar, também é histórica, isto é, também ela, como campo de conhecimento, passa por mudanças e

transformações que a fazem filha do seu tempo. As novas abordagens, os novos objetos, outras fontes, outras linguagens foram se incorporando ao ensino de História.

No ensino de História pelo cinema se empregam figurantes para representar os acontecimentos históricos. Isso é reclamar por parte dos alunos uma docilidade, ou melhor, um servilismo de espírito pouco corrente em crianças latinas. Poderia passar por um espetáculo, porém não por uma lição que tem por fundamento a verdade (ABUD, 2003, p.187).

As novas tendências e as correntes historiográficas que entendem a História como construção, aliadas a concepções que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, provocaram transformações bastante profundas na construção da História como conhecimento escolar. Tais transformações produziram modificações na Didática da História e provocaram uma reformulação na prática pedagógica. Entretanto, os professores de história ainda seguem usando o cinema como um meio de ilustrar o conteúdo, com o escopo de chegar o mais próximo possível dos fatos históricos.

No dia-a-dia escolar procuram exibir produções cinematográficas nas quais os alunos podem obter o máximo de informações sobre um personagem ou um fato da história. Muitas vezes encerram o conteúdo com um filme que apenas tem a função de ilustrar o que foi dito até então. Neste contexto, o cinema é empregado, em linhas gerais, como sugeriam os professores dos anos 1930.

O cinema, ao juntar a audição e a visão, permite reforçar a memória, visto que se utilizam dois canais perceptivos ao mesmo tempo (Ferrés, 1992, p. 38). Durante a visualização do filme os alunos desenvolvem estratégias de compreensão que os ajudam a compensar as dificuldades de compreensão

Éder Sousa (2010) esclarece que a história pode ser vista por vários ângulos, sendo que cada ponto de vista é amparado numa certa visão de mundo, numa postura ideológica, numa experiência de vida. Mas, quanto à produção cinematográfica, há o fato de que aqueles que não desenvolveram um processo profundo de leitura e aprendizagem histórica, dificilmente compreendem o jogo de forças entre as várias visões da história.

No entanto, “o cinema não tem a mesma função e o mesmo estatuto da historiografia profissional, o que o torna desvinculado de determinadas cobranças que são feitas por historiadores preocupados com esta “intromissão” do cinema na História” (ROSENSTONE, 1997, *apud* SOUSA, 2010, p. 16), ao mesmo tempo em que muitos historiadores criticam os cineastas que tratam de temas históricos, muitos também acabam utilizando o cinema como

meio de informação sobre determinada temática que não dominam, utilizam-nos como material didático, informativo e, inclusive, formativo:

As aulas de história poderiam ser utilizados com mais frequência os documentários e os filmes de época ou históricos têm, para a maior parte dos professores que utilizam a filmografia em sala de aula, o mesmo valor didático de um texto de um livro de História, visto que o filme é mais utilizado como um substituto do texto didático ou da aula expositiva, ou é ainda considerado uma ilustração que dá credibilidade ao tema que se está estudando (ABUD, 2003,p.23)

Fonseca (2015) os filmes quando trabalhados na sala de aula são como produtos socioculturais podem falar ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram, podemos ver o “não visível através do visível”, descobrir “o latente por trás do aparente” (p. 156).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estimulam o emprego de “documentação variada, como sítios arqueológicos, edificações, mapas, instrumentos de trabalho objetos cerimoniais e rituais, adornos, meios de comunicação vestimentas, textos, imagens e filmes” (BRASIL, 1998, p. 77).

Assim, somos atraídos não pela realidade e, sim, pela possibilidade. O filme pode oferecer pistas, referências do modo de viver, dos valores e costumes de uma determinada época e lugar. É uma fonte que auxilia o desvendar das realidades construídas, as mudanças menos perceptíveis, os detalhes sobre lugares e paisagens, costumes, o cotidiano, as mudanças naturais e os modos de o homem relacionar-se com a natureza em diferentes épocas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de História alertam:

Um filme abordando temas históricos ou de ficção pode ser trabalhado como documento se o professor tiver a consciência de que a informações extraídas estão mais diretamente ligadas à época que retrata. [...] Todo o esforço do professor pode ser no sentido de mostrar que, à maneira do conhecimento histórico, o filme também é produzido, irradiando sentidos e verdades plurais (1998, p.37).

O trabalho do professor de história poderia partir dessas problemáticas, pois historiadores e professores não podem negar que as produções cinematográficas se configuram como emissoras, sob formas específicas, de um conhecimento histórico. O que se deve é buscar a compreensão de como este conhecimento está sendo transmitido, de que maneira pode influir sobre as visões os alunos constroem sobre os temas históricos.

O filme histórico ancora-se no presente (produção /distribuição / exibição) e no passado (datas / eventos / personagens que marcam o tema dos filmes). Aprofundando sua análise, este historiador argumenta que: Filmes históricos são formas peculiares do ‘saber histórico de base’. Os filmes não criam esse saber, mas o reproduzem e reforçam. O filme histórico está inserido numa cadeia de produção social de significados que envolvem historiadores críticos, cineastas e público (NAPOLITANO, 2007, p. 67).

Dessa forma é necessário que seja realizado uma atividade escolar com o cinema que tenha uma experiência cotidiana, pois na escola o professor atua como mediador, propondo leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico. A partir de tal compreensão, concebe-se como finalidade da literária histórica a formação da consciência histórica:

[...] tendo como referência a construção, não de uma relação prática ou morta com o passado, mas de uma relação histórica cada vez mais complexa, em que a consciência histórica seja portadora da orientação entre o presente, o passado e o futuro, no sentido de voltar-se para dentro (o papel das identidades) e para fora (na perspectiva da alteridade). (SCHMIDT, 2009a, p.19).

Torna-se, assim, importante o entendimento da noção de passado que se contempla no ensino de História. O passado se manifesta constantemente na vida social. Frases, gestos, hábitos, opiniões, posicionamentos políticos, práticas sociais e culturais, enfim, em vários pontos a experiência humana é pontuada por referências ao passado, e geralmente por um olhar específico sobre o passado.

O cinema assume um duplo papel no ensino de história: agente e documento. Agente da história uma vez que transmite conceitos e valores do seu tempo, sendo um produtor de sentidos. Neste caso, é preciso associar a produção cinematográfica com o mundo que a produziu para entender como ele atua repassando valores e conceitos. Documento, porque os filmes auxiliam a construir a história, através da pesquisa, e a compreender o mundo. O cinema, nestes dois papéis estimula a percepção, permitindo ao aluno desenvolver estratégias de exploração, de busca de informação e de relação (ABUD, 2003 *apud* LERA, 2013, p.198).

Os filmes históricos se configuram como uma importante presença de olhares sobre o passado na cultura histórica. Os filmes-históricos, inclusive os documentários, são perspectivas da História, com fins específicos conforme sua procedência, e na maioria das vezes estão voltados ao entretenimento do grande público, buscando aferir lucros com sua ampla divulgação.

De acordo com Santana (2015) o cinema como estratégia na sala de aula é uma fonte, onde os professores utilizam uma linguagem atual que faz parte da vida de todos nós. Através dos filmes nós sonhamos, nos emocionamos, vivenciamos histórias, nos divertimos e também aprendemos. Suas possibilidades são infinitas.

Assim, é necessário fazer uma releitura desta prática, utilizar a linguagem cinematográfica dentro da escola, possibilitando uma integração com os conteúdos e levar os alunos a uma análise crítica da sociedade, das pessoas e do mundo em que o aluno está inserido e não assistir por assistir ou usar como estratégia de passar tempo na sala de aula.

Conforme Barbero (2007) a televisão, o cinema e o vídeo, CD ou DVD - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante, isto é, passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros.

Utilizar metodologia visual nas aulas de história é de suma importância, uma vez que contribui para o ensino e aprendizagem do aluno, e ajuda o professor na transmissão de conteúdos, auxiliando tanto aluno quanto professor nessa jornada de ensino. O valor documental de cada filme está relacionado diretamente com o olhar e a perspectiva do de um produtor, e na sala de aula do professor que analisou antes de repassar para os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizar o cinema como metodologia e estratégia didática, pensada por forma a premiar o desenvolvimento de competências complexas junto dos discentes, bem como a incentivar o envolvimento reflexivo do aluno na procura por novos conhecimentos. Para, além disto, tentamos esboçar, através da análise de literatura dedicada a esta temática, a relação entre o Cinema e a História, tanto do ponto de vista epistemológico como pedagógico. Entendemos que tal reflexão deverá constituir uma preocupação por parte do docente perante o cenário de apropriação deste recurso em contexto de sala de aula.

O cinema pode promover a constante provocação do aluno na procura pelo conhecimento, enriquecendo, desta forma o processo de ensino-aprendizagem e aumento sua visão sobre o ensino da história. A utilização dos conteúdos de história no contexto de sala de aula não promove apenas a aquisição de novos conhecimentos, afirma-se mais complexa e

eficaz, na medida em que contribui para a formação de jovens conscientes e críticos, capazes de enfrentar o mundo. Com a utilização do cinema, o docente está a promover o desenvolvimento de uma postura crítica e de questionamento constante junto dos seus alunos.

A prática de multimídia em forma de cinema em sala de aula requer do professor um trabalho constante na busca de atitudes, metodologias e referenciais novos e válidos, no sentido de melhorar a relação entre o ensino e a aprendizagem e, dessa forma, entre o professor e o aluno, para isto o professor precisa diariamente revendo seus planos de aulas, e olhar os vídeos antes de chegar na sala de aula, visto que assim os objetivos serão alcançados.

Assim, o professor deve estar sempre atento às mudanças, e o assunto que o filme traz que ocorrem não só no cotidiano escolar, mas também no mundo à sua volta, e nas mudanças que vem ocorrendo de geração e geração que são os fatos históricos, no qual nos filmes utilizam as fontes históricas.

As novas linguagens culturais como a Internet e o cinema possibilitam ao professor aliar esses meios e formas para despertar o interesse do aluno em relação ao conteúdo, por exemplo há diversos filmes que podem ser trabalhados sobre o nazismo, segunda guerra mundial. O cinema, principalmente, é um grande desafio para o professor, pois é utilizada uma linguagem que atinge um grande público, e que, levada para a sala de aula, torna-se um grande instrumento de aprendizagem.

Os recursos cinematográficos como estratégia de ensino nas aulas de história proporcionam aos alunos mais motivação para a pesquisa, aprofunda o assunto dando subsídios para uma discussão e entendimento, levando-os a compreender a História como algo presente em sua vida, capaz de modificar ideias e contribuir para a construção da cidadania, fazendo com que o aluno passa mais tempo compreendendo o assunto e levando para sua vida e para os concursos que irá realizar.

Os estudantes antes de tudo precisam de um embasamento para fazer suas opções em um mundo tão cheio de informações contraditórias, que muitas vezes o filme traz informações de forma distorcida, ou até mesmo equivocadas do que realmente aconteceu em cada época que, muitas vezes mais confundem do que ensinam.

O professor, antes de optar por utilizar esta metodologia deve modificar de forma completa a formação dos seus alunos e seu plano de ensino, mas é seu papel dar a sua contribuição, e o local para isso é a sala de aula, onde ele dispõe de todos os recursos para utilizar esta metodologia. O cinema é um desses recursos, pois durante a projeção de um filme, nós vivemos aquela história, sentimos o que os heróis e heroínas sentem, choramos,

rimos e principalmente torcemos para que tudo dê certo no final, e assim fazer uma análise dos fatos que ocorrem hoje com os que já ocorreram no passado.

O professor deve se lembrar de que ele não está reproduzindo o filme para si mesmo, para o seu próprio deleite intelectual ou emocional, ou simplesmente como passatempo na sala de aula. Portanto, é preciso refletir sobre o público alvo da atividade planejada, conhecendo seus limites e suas possibilidades gerais (faixa etária, etapa de aprendizagem), mas também mapeando, ainda que intuitivamente, o repertório cultural mais amplo e a cultura visual/cinematográfica dos alunos.

O cinema enquanto recurso de imagem é uma ferramenta amplamente conhecida, porém mal utilizada. Existem flagrantes do uso de filmes históricos em ambientes escolares com a pretensão de divertir e entreter os estudantes, bem como forma de apenas preencher os espaços no planejamento didático. Essas atitudes produzem no educando efeitos de desestímulos e recuo do senso crítico. As despreocupações com as técnicas corretas para o uso de tal ferramenta trazem implicações negativas para o alcance dos objetivos propostos no estudo de História.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. **A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. História.** São Paulo. 2003.

BARROS, Manuela. **Mídia Educativa ou Educação Midiática? Os Tortuosos Caminhos da Cidadania.** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 8, p. 1-14, janeiro/junho 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. **Cinema e ensino de História.** Revista do Arquivo Público Mineiro.

LERA, Josep María Caparrós. **O cinema na escola: uma metodologia para o ensino de história.** Educ. foco, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 189-210, jul. / out. 2013

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2006, disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1360-8.pdf>.

MORAN, José. **As mídias na educação. Desafios na Comunicação Pessoal.** 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.